



A arte de ler em grupo
ou
Vamos ler juntos?

Suzana Vargas



Arte de ler em grupo - ou - Vamos ler juntos?

1. O que é ler hoje? De que modo a leitura pode nos ajudar profissionalmente?

Num fragmento de sua autobiografia, *As Palavras*, Jean-Paul Sartre, um dos mais famosos pensadores franceses do século XX, descreve o momento em que, ainda menino, escolhe dois grossos volumes da biblioteca de seu avô e os deposita sobre os joelhos da mãe. Ela levanta os olhos de seu trabalho e lhe diz: "O que queres que eu te leia, querido? As Fadas? Ao que ele pergunta incrédulo: As Fadas estão aí dentro?"

Certamente a infância de Sartre, no início do século, não foi a mesma nossa, e a pergunta que um menino de cinco anos hoje faz é, já sabemos, muito mais complexa. E por quê? Simplesmente porque ele vive num mundo onde o predomínio da imagem e do som é a regra. Ou seja: tudo cabe dentro de um aparelho de TV ou na tela de um computador. E mais: tudo, pode ser produzido também por ele. Estamos em plena era cibernética, onde não só as fadas se concretizam como podem ser fabricadas e o que imaginamos tem 99,9% de chance de transformar-se em realidade, esteja esta realidade a que distância estiver de nós.

Então, qual é o lugar que os livros hoje ocupam na nossa vida? É a pergunta que nos vem à mente quando falamos neles. De que modo a leitura pode nos ajudar profissionalmente?

A ausência de leitura dificilmente poderá ser compensada com o desenvolvimento tecnológico, porque nosso convívio pessoal ou profissional jamais terá soluções eminentemente técnicas. Numa discussão com colegas de trabalho, por exemplo, sabemos que não encontraremos as soluções adequadas apenas apertando um botão ou a tecla do computador. Tampouco a técnica resolverá nossos problemas de ordem existencial. Nossas dores, nossos amores, nossos conflitos podem ser solucionados, mas nunca num passe de mágica, como as Fadas do livro de Sartre poderiam fazer.

Ler - hoje em dia - tornou-se imperativo para o desenvolvimento das nossas potencialidades profissionais, intelectuais e, por que não? espirituais. É na reflexão crítica que a leitura nos proporciona que vamos nos conhecer melhor, perceber nossas falhas ou limitações em todos os terrenos.

Atualmente, já não basta a um indivíduo concluir sua formação escolar/universitária e lá se foi o tempo em que podíamos dar nossos estudos por encerrados. O ritmo da ciência e da tecnologia é tão veloz que as novidades mais recentes já envelheceram amanhã. Para o professor Richard Bargenguer, autor do livro *Como incentivar o hábito da leitura*, ler é a tarefa do futuro, quando as pessoas necessitarão de uma espécie de auto-educação permanente ou seja: deverão promover a pesquisa, a reflexão, o crescimento intelectual por conta própria. Deverão desenvolver de modo autônomo sua competência, enfim.

Mas o que significa para você ser competente no trabalho?



Ser competente significa não apenas cumprir as normas ou regulamentos estabelecidos pela administração, mas criar soluções, alternativas, contornar problemas aparentemente insolúveis, improvisar positivamente, com eficiência. Ora, as soluções, os improvisos são, no fundo, outras formas de você reler seu trabalho. E quanto maior for sua carga de leitura - aqui não nos referimos apenas a textos literários, mas a jornais, revistas, manuais etc - mais possibilidades de mudanças você encontrará. Isso porque além de desenvolver seu espírito crítico, seu vocabulário, de ajudar na sua capacidade de redigir e de se expressar de modo eficiente, de associar elementos aparentemente díspares ou dissociados no tempo e no espaço, a leitura desenvolve sua percepção dialética no cotidiano. É através dela que nossa capacidade de criar se expande, não somente para inventar outros mundos, mas para encontrar soluções dentro deste.

Ser eficiente, portanto, nunca significará rigidez na compreensão dos fenômenos da realidade. Quando sabemos ler bem, criamos possibilidades para tudo e ao criarmos novas alternativas para nosso mundo pessoal ou profissional, transformamos a realidade ou em realidade nossas ações, pensamentos, opiniões.

A escrita, por exemplo, é um dos resultados mais positivos da leitura. Quando escrevemos, somos obrigados a pensar sozinhos. Já não repetimos os mecanismos mentais de outra pessoa, como acontece na leitura, criamos nós mesmos esses mecanismos, daí a sensação de independência que experimentamos quando produzimos um texto. "É um dom que ninguém me rouba" declarou certa vez a escritora Marina Colasanti. Marina fala em "dom", porém a capacidade de criar através da escrita não é tão natural assim. Por trás de um grande escritor existe sempre um leitor maior ainda. Quando nasce o escritor, o leitor voraz já habitava nele há muito tempo.

Daí que podemos começar a pensar na leitura, não como matéria obrigatória, conforme nos levaram a crer na escola, mas como atividade artística e de aperfeiçoamento profissional também.

No colégio, em geral, aprendemos ou somos forçados a ler livros pelos quais muitas vezes não temos o menor interesse. É lá que se perde uma prática muito estimulante de leitura que é a leitura em grupo, uma atividade dinâmica da qual todo professor que se preza lança mão e da qual podemos nos valer para servir de estímulo ao nosso trabalho cotidiano.

2. Leitura em grupo: prazer, motivação e eficiência

Quando pensamos em leitura, a primeira imagem que nos vem à mente é a de uma pessoa solitária, com um livro aberto na mão, cercada de silêncio por todos os lados.

Podemos pensar nessa pessoa lendo jornais, revistas, mesmo folhetos, mas o livro é a imagem que se impõe e solidão parece ser a condição primeira para que a leitura aconteça. Nem sempre é assim. Pensamos dessa forma por hábito, mas a leitura, para dar frutos, não necessariamente pressupõe o estarmos sós. Ao contrário, a companhia de alguém ou de um amigo é muito mais estimulante do que supomos, até para criar em nós a capacidade de realizar uma leitura aberta dos fenômenos objetivos e subjetivos que nos cercam.



A boa leitura é sempre uma confrontação crítica com o que estamos lendo. Em grupo essa confrontação se multiplica. Vemos o mesmo conceito, a mesma história percebidos de maneira diferente, como um objeto que pudéssemos olhar de vários ângulos, apreciar ou não, discutir, comparar.

Mas quais seriam as vantagens objetivas de lermos em grupo?

A primeira delas é que as pessoas que sentem prazer no estudo ou na leitura de um livro, em geral gostam de conversar sobre ele. As idéias dos outros funcionam como contrapontos para as suas. De fato, quando verbalizamos nossas opiniões, nos distanciamos criticamente daquilo que foi lido e tudo adquire uma nova dimensão. Ler em grupo é também uma forma de continuarmos a leitura. Saímos de nosso mundo interior para irmos de encontro a outro modo de pensar situações, personagens, as questões que o texto nos apresenta. O importante é sabermos que cada novo leitor pensará um livro quase sempre de um modo diverso do nosso.

Para o diretor da Biblioteca Pública de Nova York, Paul LeClerc, ler em grupo é um exercício que nos permite ver com novos olhos e escutar com novos ouvidos. Além disso, o grupo socializa o ato de ler, normalmente individualizado, onde tantas afinidades (ou o contrário) podem se reconhecer. Como num cineclube, com a diferença de que o filme foi visto e não lido, podemos formar nossa opinião, fazer amizades, aprofundar aspectos do nosso cotidiano, conhecer mais o mundo em que vivemos, aperfeiçoar profissionalmente e também nos divertir.

Os grupos de leitura, além das expostas acima, têm as seguintes vantagens:

- a) Dão a você um meio de estar sempre aprendendo, antenado com o que acontece à sua volta;
- b) Preenchem as lacunas de sua educação formal. São uma oportunidade de ler ou reler livros que você considera importantes para a sua formação. Isso sem contar com os novos títulos que podem surgir através da indicação de outros membros do grupo;
- c) São a oportunidade de você compartilhar opiniões (negativas ou positivas) acerca do que leu ou aprendeu;
- d) Dão a você a chance, através da reflexão, de conhecer melhor o "outro", fazer amigos, observar uma certa disciplina;
- e) O grupo de leitura é um tipo de atividade para a qual não necessitamos dispender esforço ou dinheiro, a não ser na compra de livros. Mas não necessariamente precisamos comprá-los. Podemos pegar emprestado da Biblioteca mais próxima.

Mas, como formar um grupo de leitura? Onde se encontram os leitores, esses seres que parecem esconder-se em galáxias desconhecidas? Que estratégias devemos usar, que critérios de leitura adotar?



3. Estratégias para a formação de um grupo de leitura

3.1. O começo de tudo

Primeiramente, é preciso existir um grupo de pessoas interessadas em leitura, mas onde encontrá-las? Diríamos que a tarefa é mais fácil do que imaginamos. Você pode se reunir com amigos (de vários segmentos), conhecidos de atividades afins com as suas, colegas de trabalho, vizinhos, familiares. Pode reuni-los em sua própria casa uma primeira vez ou combinar um local para o encontro, mas para isso é necessário saber alguns detalhes importantes para que as reuniões não se transformem em uma chatice prolongada, certo? Sim, porque dependendo do modo como são convocadas as pessoas, do local onde elas se reúnem, do tipo de estratégia adotada, os encontros podem resultar em mais uma tarefa de agenda a ser cumprida e nada é tão terrível quanto isso.

Pensando nesse risco, que é fatal, para qualquer atividade extra que programemos, elaboramos uma súmula com algumas regrinhas estratégicas para que um programa dessa natureza dê certo. Essas estratégias dizem respeito ao espaço para as reuniões, à frequência mínima, ao tipo de leitura a ser proposto inicialmente, ao papel que desempenham os membros do grupo, à importância da existência de um líder para a atividade e outros detalhes.

3.2. O Papel do líder, os objetivos, a primeira reunião

Para iniciar um grupo de leitura você vai precisar de um ou mais líderes.

Normalmente o líder é quem desejou que o grupo existisse e propôs a um amigo, que propôs a outro e outro e assim por diante. Como este tipo de reunião não requer uma administração muito complexa, a esse líder cabe marcar os primeiros encontros, fixando dia e hora para eles. Também cabe-lhe discutir com o grupo o tipo de leitura adotado ou propor um texto inicial que lhe pareça de interesse geral. Convocar as pessoas para uma reunião informal e, no meio dela, propor a leitura de alguma coisa não deixa de ser um bom início. O grupo também pode começar reunindo-se em torno de um professor ou orientador. Muitos grupos de leitura que conhecemos surgiram a partir de cursos de extensão em que as pessoas desejaram continuar o assunto depois da aula. Pode-se chamar um conhecido, especialista em alguma matéria de interesse comum (economia, administração, ecologia, literatura, etc) para que leia um texto breve e inicie uma reflexão a respeito do que foi tratado ali. Alguns grupos chegam a remunerar o orientador que deve ter algumas qualidades essenciais, entre elas a de não dar um tom demasiadamente professoral aos encontros que devem ser, antes de mais nada, uma conversa informal onde a reflexão, o senso crítico e a sensibilidade falam mais alto. Se os participantes de um grupo de leitura desejassem frequentar uma escola de novo, procurariam a universidade ou cursos de extensão. Um grupo de leitura se assemelha muito a um grupo de estudo qualquer. Estudar,



do latim *studere* - tarefa, infelizmente, sempre relacionada à escola - mais do que fixar na memória, é refletir, aprofundar, meditar, analisar um assunto detidamente, com a diferença de que nesses grupos ninguém nos ameaça (ufa!) com uma prova no final do mês.

Para esse tipo de reunião também não é necessária nenhuma recepção especial da parte do dono da casa: bastam um cafezinho, um suco, um biscoitinho. Nada de muito sofisticado para não ocupar demais o anfitrião a ponto de desconcentrar-se do objetivo principal do encontro.

3.3. A frequência, o número ideal de participantes, faixa etária, o espaço para as reuniões

Como já dissemos, não existem regras muito fixas para a formação de um grupo de leitura, mas uma certa disciplina (sem a qual, convenhamos, nem um grupo de pôquer sobrevive) é necessária. Por exemplo, a frequência.

Ninguém vai precisar responder a uma chamada, mas é importante um comparecimento regular. Chamamos frequência mínima o comparecimento dos participantes a todas as reuniões necessárias sobre a leitura escolhida.

O ideal é que os livros já venham lidos de casa, mas se isso não ocorrer, a leitura pode ser feita por capítulos, em voz alta, no momento mesmo da reunião. Esse procedimento, embora mais lento, favorece a concentração do grupo, elimina desculpas para a não leitura (muitas vezes, as pessoas faltam às reuniões, justamente porque não "conseguiram" tempo para ler e isso pode, inclusive, afastá-las dos encontros) e toma mais vivo o ato de ler. As reuniões podem ser semanais, quinzenais ou mensais (toda primeira quarta-feira do mês, por exemplo) e devem ser respeitadas sob risco de dissolução do grupo. As ausências, os desencontros desestimulam muito qualquer tipo de trabalho. O horário deve ser decidido entre todos e cumprido para que tais encontros não se prolonguem além do necessário. Uma hora e meia a duas de trabalho são suficientes. Tudo dependerá do desejo do grupo de esticar ou abreviar um pouco mais o assunto em questão.

Quanto ao número de participantes, ele pode ser variado, mas apostamos mais em grupos de tamanho médio (7 a 10 pessoas), onde a falta eventual de um ou dois elementos não prejudica a dinâmica da reunião.

Os participantes de um grupo de leitura não necessitam pertencer a uma classe social, ter um nível cultural ou faixa etária determinados. O ideal é que as pessoas tenham interesses comuns e o principal: gosto pela leitura, curiosidade pelo assunto ou, mesmo, interesse profissional pelo que está sendo tratado. É preciso lembrar que as diferenças de faixa etária ou culturais são, muitas vezes, estimulantes e nos aprontam belas surpresas.

Quanta coisa nova um adolescente pode ensinar a um adulto! E a recíproca é verdadeira: quanta experiência um adulto pode repassar a um grupo mais jovem! Em todo caso, para formar um grupo de leitura podemos partir de pessoas que freqüentem os mesmos espaços que nós (nosso grupo de ginástica, de meditação etc).



Com relação aos espaços para essas reuniões "subversivas" (no sentido de que ler é subverter a ordem da desinformação a que nossa história quer nos condenar), elas poderão acontecer em casas particulares, bibliotecas, igrejas, centros culturais, escolas etc. O lugar escolhido precisa ser silencioso, confortável, agradável, digamos assim. O barulho, o desconforto e a campainha da porta ou do telefone não favorecem a concentração.

Quase todas as pessoas sentem prazer em ir ao cinema, não é? Pois além da qualidade da peça ou do filme em cartaz, o prazer provém, inegavelmente, do ambiente confortável e do silêncio característicos de tais espaços.

Agora, que leituras fazer, que gêneros são mais apropriados para envolver nosso grupo de leitura? Existem experiências de leitura em grupo que deram certo? Esse é o nosso próximo assunto.

4. Sugestões de programas de leitura a serem desenvolvidos pelo grupo .

Como já dissemos anteriormente, o que pode motivar o grupo de leitura é, senão a paixão por livros, um interesse profissional. Nossos colegas de trabalho poderão se envolver juntos em projetos que demandem atualização permanente, razão mais do que suficiente para os encontros. Mas nem sempre essa paixão ou interesse existe em todos com a mesma intensidade e muitas vezes será necessário um trabalho de conquista, de sedução propriamente dito.

De que modo, então, vamos motivar as pessoas para os primeiros encontros?

Para começar, o grupo não precisa reunir-se necessariamente em torno de um livro específico. Esta poderá ser uma etapa posterior. Podemos começar com um artigo de jornal, uma crônica, um conto, um vídeo que nos leve a um texto escrito que possa ser repassado através de reprodução para o grupo. No início, textos curtos são os ideais porque sua estrutura é percebida rapidamente e de forma "total". A percepção total de um texto num tempo breve de leitura é importante para o trabalho inicial de integração entre os participantes do encontro. Se os textos forem literários, os contos ou as crônicas são os mais indicados porque os temas e problemas poderão ser discutidos de modo mais objetivo. Com relação aos romances, talvez seja melhor uma leitura de seus inícios, fazendo-se uma espécie de introdução explicativa à obra. Assim, por exemplo, ler e pensar o primeiro capítulo de *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, discutir os problemas do Nordeste brasileiro que persistem ainda hoje, são ações que servem para incentivar a leitura do resto do livro, ao mesmo tempo em que o grupo é brindado com uma chave de compreensão da história. O mesmo pode acontecer com ensaios longos sobre qualquer assunto. Recomendamos sua leitura por capítulos.

Os temas podem variar da psicanálise à política, passando por filosofia ou religião, não importa. específico . O interesse dos companheiros é que conta porque a leitura tem de ser, sobretudo, enriquecedora. Se os participantes de um grupo forem colegas de



trabalho, será bom que selecionem uma bibliografia que atenda aos seus interesses profissionais, é uma forma de se manterem atualizados dentro de suas funções ou aprofundarem aspectos que lhes interessem de modo mais específico.

Se o grupo for diversificado, o ideal é que numa primeira reunião os participantes falem de si, de seus interesses pessoais. Livros não lidos na infância ou na adolescência são, às vezes, a frustração de muitos. Obras clássicas muito citadas e não lidas, também. Não que as pessoas se vejam obrigadas a lê-las, mas um grupo de leitura é, quase sempre, motivador dessa prática. Há grupos que se reúnem para ler obras escritas em outras línguas: é um modo de praticarem seu inglês, seu francês ou a língua de interesse da maioria.

Mais adiante, as pessoas fatalmente se interessarão por um livro específico, um assunto, um autor. Existem, por exemplo, grupos de reflexão filosófica, grupos, de poesia, de ficção científica, de estudos teológicos (como os que Frei Betto mantém há anos no Rio de Janeiro e em São Paulo).

Muitas vezes o grupo reúne-se em torno de um autor apenas, com o propósito de ler e entender a sua obra como um todo. Neste último caso, é a complexidade ou o desejo de aprofundar mais alguns aspectos da obra de um autor, o elemento motivador dos encontros.

Mas, e na prática, como funcionam as leituras, as discussões? O que se segue é uma espécie de súmula das etapas dessa reunião. Nada muito rígido, mas uma certa ordem na forma de conduzirmos os encontros só faz torná-los mais eficientes.

4.1. Requisitos básicos para que a leitura em grupo possa cumprir-se com alguma eficácia

- a) Pontualidade: escolhido o local e já tendo previamente combinado ou lido o texto que o grupo elegeu, é importante que sejamos pontuais;
- b) Assiduidade: é a frequência mínima de que já falamos. Sem ela, rapidamente o grupo se dissolverá;
- c) Provocar o grupo com questões curiosas, estimulantes, controversas, mas não permitir que as discussões se transformem em agressões pessoais ou fujam ao limite do razoável;
- d) Objetivar o mais possível os apartes, as opiniões, evitando que eles fujam ao assunto do texto proposto;
- e) Dar chance a todos os membros do grupo de expressarem suas idéias (sabemos que sempre "alguém" falará um pouco mais, em geral, os menos tímidos);
- f) Distribuir equitativamente o tempo da reunião de modo que haja espaço para a leitura em voz alta (se ela existir) para as discussões e para as conclusões. O ideal é que o texto já venha lido de casa e com algumas questões (que foram propostas na reunião anterior) respondidas;
- g) É importante que haja um relator para as conclusões. Ele funcionará como uma espécie de memória das leituras do grupo. Para não sobrecarregar ninguém, o relator pode mudar a cada reunião ou a cada dois meses;



- h) Programar as etapas de leitura do livro proposto (tentar uma previsão do tempo de leitura sem, no entanto, transformar esse tempo em camisa de força para o grupo). Retardar ou acelerar a abordagem de um livro;
- i) Não existem livros ou textos mais ou menos importantes. Todo o tipo de leitura proposto é válido, desde que a maioria do grupo concorde, sendo que é até possível interromper uma leitura que não esteja satisfazendo os leitores;
- j) Outras pessoas podem participar das reuniões, desde que tenham lido o texto em discussão. É bom evitar a participação de "curiosos", eles dispersam o grupo pois não leram o texto e podem interromper raciocínios mais objetivos.

Essas são apenas algumas observações que podem ser levadas em conta durante as reuniões para leitura. O importante é evitarmos o dogmatismo, a rigidez de procedimentos. Eles afastam mais do que estimulam.

No nosso país, existem várias experiências bem sucedidas de leituras coletivas, como um projeto de leitura nas prisões, nascido em Vitória da Conquista. Programas de leitura em hospitais e maternidades também tiveram êxito. Grupos diferenciados de terceira idade, de adolescentes, grupos cuja proposta é intergeracional (integrar gerações distintas) como o desenvolvido pelo SESC e outras instituições que descobriram na leitura um modo eficiente e humano de socializar ou de reintegrar pessoas à comunidade.

No Rio de Janeiro, a Estação das Letras desenvolveu durante 13 anos no Centro Cultural Banco do Brasil um projeto de leitura muito bem sucedido que nasceu com um grupo relativamente pequeno de leitores e que se transformou em uma das suas grandes atrações. São as Rodas de Leitura, de que falaremos a seguir.

5. Uma experiência de sucesso: as Rodas de leitura promovidas pelo Centro Cultural Banco do Brasil.

Uma das experiências mais bem sucedidas de leitura são, inegavelmente, as Rodas de Leitura que o Centro Cultural Banco do Brasil desenvolve há sete anos. O projeto foi inicialmente criado para atender pequenos grupos de frequentadores da Biblioteca do CCBB que, à época, possuía salas com capacidade para 25 pessoas, mas desenvolveu-se de tal modo que se transformou num evento abrigando, hoje, mais de 100 pessoas por sessão, todas reunidas em função de um livro ou de um autor.

Qual será o segredo das Rodas de Leitura? Existem elementos, é claro, facilitadores. O fato do evento ou da reunião acontecer dentro de um grande Centro Cultural é um deles, mas segredo mesmo, podemos dizer (como autores do projeto) que não existe nenhum e se existisse diríamos que reside na simplicidade de seu processo e na naturalidade com que a leitura é tratada, a começar pela forma de participação de seus frequentadores.



Em primeiro lugar, o programa acontecia, como já dissemos, dentro de um Centro Cultural onde existem eventos mais identificados com o lazer do que a leitura, tais como cinema, teatro, exposições, vídeos etc. Inseridas nesse contexto, as Rodas de Leitura acabaram tendo um tratamento semelhante ao dessas atividades. Para delas participar, basta você retirar uma senha ou ingresso gratuito no balcão de atendimento. Esse gesto simbólico de retirar uma senha para ler já dá ao programa um outro caráter. Após receber a senha você se dirige à sala ou auditório indicado, recebe um texto na entrada, senta-se e começa a leitura em voz alta do texto em questão. Ela é feita, senão pelo próprio autor, por uma espécie de leitor-guia que, muitas vezes, é um crítico ou professor de literatura. Essa leitura em voz alta é acompanhada em silêncio pelos participantes e, ao término dela, inicia-se uma conversa descontraída entre o leitor-guia e a platéia. É o momento de você saciar suas curiosidades, pedir as informações que quiser, questionar o texto, enfim. Não se trata de aula ou conferência, mas de um bate-papo descompromissado sobre o assunto em questão e onde cabe todo tipo de perguntas (do signo do autor até as questões estruturais da narrativa).

Lá você encontrará um público eclético: de donas de casa a executivos, de jovens a idosos. E muitas, muitíssimas vezes encontrará seus autores preferidos ou conhecerá os mais novos escritores do mercado editorial. Pelas Rodas de Leitura já passaram autores como Jorge Amado, Caetano Veloso, Lygia Fagundes Telles e Adélia Prado, só para citar alguns. Excelentes críticos literários, professores já participaram de ciclos temáticos e autores muitas vezes desconhecidos no eixo Rio - São Paulo.

Mas, como organizar um programa semelhante? Há alguns passos simples, mas importantes, que devem ser dados, para que tudo aconteça sem problemas.

Para que um trabalho desses aconteça, são necessários:

- a) Um coordenador - responsável pelo programa e pelo cronograma de leituras. Ele também providencia todo o material necessário, além de escolher o local e os participantes do evento. A divulgação e a mediação estão a cargo do coordenador também.
- b) Um leitor-guia - é quem faz a leitura e a comenta com a platéia. Pode ser um professor, escritor, crítico ou, mesmo, leigo. O importante é a paixão e o conhecimento do assunto. É através do modo como ele encara o ato de ler que sua leitura far-se-á mais ou menos interessante. O leitor-guia deve ter liberdade para escolher os textos de sua preferência. A ele cabe provocar a platéia com perguntas instigantes - e fazer uma leitura pausada com comentários informativos.
- c) Textos - o sucesso de uma roda de leitura deve-se em grande parte aos textos que seus participantes ganham e lêem silenciosamente, enquanto o leitor-guia interpreta. Esse procedimento evita as abstrações das conferências. O texto é o elemento concreto através do qual o contato entre o leitor-guia e a platéia vai acontecer, tornando esses encontros muito vivos.



Literárias ou não, as leituras devem ser saborosas, interessantes, polêmicas, instrutivas. É importante que o público reconheça na leitura seu caráter informativo.

d) Material de divulgação - a divulgação é essencial para que qualquer evento aconteça. Um folder com a programação das leituras do mês ou do bimestre, um cartaz, notícias na imprensa são importantes. Se a programação for feita dentro de sua empresa, então a divulgação fica ainda mais fácil e menos dispendiosa.

e) Periodicidade - um programa de leituras pode ser realizado (dependendo da vontade e da disponibilidade dos organizadores), uma vez por semana, uma vez ao mês ou de quinze em quinze dias.

f) Número de participantes - Para que uma roda de leitura atinja seus objetivos, ou seja: leve as pessoas a refletirem sobre sua vida, seu trabalho e despertem para o livro, um número máximo de 30 participantes é a medida certa. Um número maior torna as leituras mais dispersivas não dá oportunidade a todos de se manifestarem, se comunicarem.

Esses são os elementos básicos do trabalho. Como já dissemos, uma sala aconchegante e silenciosa também é importante. Em suma, são procedimentos simples como o ato de ler: quase uma extensão de nós mesmos.

A programação deve ser variada: reunir, por exemplo, para ler alguns contos das Mil e Uma Noites ou biografias ou, ainda, livros de História Antiga e Antropologia.

Aspectos de Contabilidade e de Economia fazem a história de um povo. Imagine quantos assuntos interessantes você pode desenvolver na . companhia de outros!

É importante perceber que não precisamos de muita sofisticação para nos atualizarmos e que o livro é o veículo de mais fácil acesso. Ler é uma atividade barata, pode ser incluída em ocasiões informais como aniversários, festas. Por que, além de comer, beber, dançar, não podemos incluir a leitura de um texto nesses momentos? Ela será o toque de classe a mais para além da dança e da comida.

6. Leitura em grupo: oportunidade de potencializar seus conhecimentos

Quando alguém escolhe um livro para ler, elegendo-o entre tantos outros é porque houve algum tipo de atração pelo gênero, pelo tema, pelo título. Quando um grupo de pessoas resolve ler um determinado tipo de livro, é porque de algum modo a maioria se identificou ou teve curiosidade por um assunto específico. Iniciam-se os encontros e o efeito mais poderoso dessa leitura "grupala" é o da troca. Cada indivíduo carrega dentro de si um mundo de vivências e de leituras que o particularizam e fazem com que sua percepção de um texto adquira um colorido determinado. Ora, em grupo, essas cores se misturam, o caleidoscópio de informações e de percepções potencializa-se numa soma de experiências.



Por isso é possível afirmar que a leitura em grupo amplia e ordena nossos conhecimentos. Dá-nos um poder que é inimaginável quando lemos solitariamente. Cada leitor é um recriador de textos, completa ou modifica o que lhe foi proposto.

Em grupo, todos estão, de algum modo, ligados pela linguagem seja ela literária, lógica ou referencial. Existem livros que informam e formam seus leitores. Apesar de seu caráter denotativo, quando sua leitura é feita em grupo, suas informações nos chegam e se multiplicam, mas de modo mais sistemático. Esse fenômeno acontece nos livros técnicos, documentais ou científicos. Enfim, a leitura em grupo potencializa, de fato, nossa leitura da realidade e nossos conhecimentos, porque é o resultado de uma soma real de sons e de sentidos. Pode servir de terapia, oportunizando grandes encontros.

No terreno profissional rende frutos incríveis, acumula e agiliza informações, amplia (paradoxalmente) nosso raio de ação. Deixamos de ser especialistas apenas em um determinado campo do conhecimento e esse é o primeiro passo para uma leitura saudável.

E tem mais: em grupo percebemos que não estamos sós na nossa incompreensão, nos conflitos, ansiedades ou alegrias. Descobrimos a palavra ou, sinal de alternância, mudança, única certeza que ainda podemos ter nos dias de hoje.

Daí que fica o convite para o estudo, para o encontro, para o crescimento pessoal.

Ler é uma arte que pode ser de muitos, que pode nos devolver a nós mesmos. Ler é poder, é conhecer-nos e aos outros. Vamos, pois, ler juntos?

Suzana Vargas

(Texto escrito para treinamento no Centro de Formação Banco do Brasil)